

Lugar, casa, bairro: olhares geográficos sobre o Jardim Emília – Minaçu – Goiás – Brasil

Armison Rodrigues Pereira,

da Universidade Estadual de Goiás - Minaçu – Brasil

armisonxxl@hotmail.com

Máisa França Teixeira,

da Universidade Estadual de Goiás – Minaçu – Brasil

maisafteixeira@gmail.com

Resumo: O lugar é uma categoria cara a Geografia, sendo nela que o corpo teórico desta ciência esboça maior representatividade ao se tratar do homem como ser intencional e singular. É partindo desta categoria que se é possível a análise do indivíduo naquilo que ele tem de mais singular; a subjetividade, a essência. Embasado nesta categoria, esta pesquisa tem como objeto de estudo a casa como lugar, vinculada aos moradores do Setor Jardim Emília na cidade de Minaçu-Go. Discorreremos sobre como se constituiu o lugar tendo como palco o lar; este possuidor de múltiplos significados, pois nele a existência se realiza e se funde a partir das experiências cotidianas. Objetivou-se nesta pesquisa compreender de que forma que há a estruturação do lugar partindo-se do lar. Elencado a este objetivo algumas questões foram levantadas, sendo elas: qual o papel dos objetos na estruturação do lugar? Existe uma ligação subjetiva dos indivíduos no setor Jardim Emília com a moradia? O tempo de permanência na morada faz com que os indivíduos criem afeição ao lugar no lar? Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam de antemão que indivíduo e lugar são indissociáveis, portanto, constituem uma unidade através do mosaico de nossa existência.

Palavras-Chave: Lugar. Lar. Jardim Emília. Subjetividade.

Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo a casa como lugar, a partir do Setor Jardim Emília em Minaçu-Go. Objetiva-se compreender a moradia dos diferentes sujeitos presentes no bairro em questão, e as representações perceptivas feitas pelos seus habitantes com relação ao significado da casa; o que esta representa, qual seu sentido e de que forma ele se expressa e se estrutura.

Esta pesquisa é fruto de uma monografia, onde, para a construção da mesma adotou-se os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico em artigos e livros, pesquisas de campo, registros fotográficos, construção de tabelas e mapas, produção textual e aplicação de entrevistas na forma de questionários para 10 moradores do Setor Jardim Emília, sendo estas feitas em 8 residências. A escolha dos sujeitos entrevistados pautou pelo critério de maior tempo de moradia no setor, a fim de compreender como se estrutura ao longo do tempo a construção do lugar a partir da casa para os mesmos. A escolha do setor em questão se deu, pois o mesmo foi um dos primeiros a ser povoado, desse modo, encontra-se neste, moradores pioneiros, que residem há bastante tempo na mesma residência.

Para as discussões acerca do lugar, subjetividade e moradia, as referências basilares centraram-se em Tuan (2013), Holzer (1999) e Bachelard (1978). Estes autores trouxeram contribuições, mormente a abordagem cultural de espaço e lugar, dando ênfase à perspectiva da experiência dos sujeitos que se afloram de diferentes formas. Desta feita, esses trazem à tona as diversas maneiras de compreender o mundo sobre o foco da subjetividade, dos sentidos, do vivido, do imaginado, do simbólico, da moradia, do lugar etc.

Este artigo dará voz a alguns moradores, a fim de considerar suas histórias orais, suas subjetividades, singularidades e experiências no local, além de compreender como se configura o lugar na casa para os mesmos. Ainda assim, elencaremos teoria e empirismo como forma de aproximação entre a geografia e o cotidiano. Neste contexto, questões sobre o bairro, os vizinhos, os objetos e as memórias serão discutidos e explorados, pois a geografia deve aventurar-se no conteúdo vivido, nas questões/aspirações do ser e de sua essência, na sua dinâmica no espaço/mundo/lugar.

O conceito de lugar na geografia

Dentre as principais categorias de análise na geografia tem-se o espaço, o território, a região, a paisagem e o lugar, categoria central desta pesquisa. Essas conceituações categóricas próprias da geografia possuem amplo significado que variam de acordo com a corrente epistemológica da ciência. O conceito de lugar na geografia pode ser verificado de início em Holzer (1999, p.67) quando o mesmo delibera que “desde a implantação da geografia como disciplina acadêmica – a partir de uma idéia positivista de ciência – o lugar foi eventualmente estudado pelos geógrafos, mas sempre em um plano secundário”. Isso se deu segundo o autor, pelo propósito da geografia clássica ou tradicional em que o fundamento de interesse da disciplina focalizava o estudo na produção de mapas. Desta preocupação central o “[...] lugar em seu sentido locacional era utilizado para definir a geografia” (HOLZER, 1999, p. 67); ainda segundo o autor, os preceitos da definição conceitual de lugar como esboço de localização na geografia perdurou por 50 anos, sendo de certa maneira associado à origem da própria disciplina.

Holzer (1999) traçando a trajetória do conceito de lugar cita três autores que contribuíram sobremaneira para a mudança do significado de lugar, dentre eles está: Sauer (1983), que reiterando sobre o conceito de paisagem cultural traz a tona alguns elementos subjetivos, relacionados as questões do sentido do lugar. Segundo este autor, para a formação do conceito de paisagem o lugar estava presente de modo implícito.

Dardel (1990), corroborando a relação do homem com a terra natal, frisa o lugar como modo de existência e Lukermann (1964), afirma que o estudo dos lugares confere à geografia o sentido de localização, não só de áreas objetivas, mas de seus conteúdos sublinhando assim questões como crença e experiência bem como os significados subjetivos dos lugares para os homens. Verifica-se nesses autores, que apesar de o conceito de lugar não exercer destaque dentre os demais conceitos, o mesmo é destituído de seu parâmetro locacional, ganhando outras significações concernentes ao homem e a subjetividade.

Apesar dessas mudanças na significação do conceito de lugar, iniciados de antemão por Sauer, Dardel e Lukermann, este ganha de fato destaque a partir de 1970 com a geografia humanista, corrente compreendida como aquela que ancorada nas filosofias do significado tais como fenomenologia, existencialismo e estruturalismo está

[...] assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (CORRÊA, 2012, p. 30).

Tem-se como principais expoentes na geografia humanista: Tuan (2013), Buttimer (1976) e Relph (2012). A partir destes autores o conceito de lugar é redefinido e centrado como categoria chave dentro da geografia. Assim, o mesmo ganha amplitude conceitual indo para além da significância de localização, pois

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN *apud* HOLZER, 1999, p. 70).

A partir do rompimento da ideia de lugar como localização, este conceito torna-se polissêmico, e de fundamental importância no entendimento ímpar da relação dialógica e concreta entre homem e espaço. Tuan traz a conceituação de lugar mantendo uma relação intrínseca com o espaço onde “as ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. “A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice versa.” (TUAN, 2013, p. 14). Neste entendimento a definição de um conceito (lugar) difere e determina as bases do outro (espaço). Esta diferenciação é acentuada pelo mesmo autor sendo que “o espaço é oposto ao lugar, como o disforme é oposto ao formado.” (TUAN, 2011, p. 8). Dessas conotações

O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida a ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. Um dos sentidos etimológicos do termo *bad* (mau) é “aberto”. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. (TUAN, 2013, p. 72).

Assim, o lugar está contido no espaço, sendo este moldado a partir da experiência que o organiza, o estrutura, e o inquire valor de significância pessoal, diferentemente, o espaço intitula ser o que desconhecemos, o amplo, o inalcançável, a vastidão. Tuan esclarece que lugar é produto da experiência humana no qual se condensa vivências, prazeres e sentimentos. Para um maior entendimento de ambos os conceitos, Tuan (2011, p. 18) adverte que “[...] espaço, tempo e lugar são categorias sobrepostas da experiência humana. Se não forem consideradas em conjunto, o mundo dos geógrafos conservará um ar de irrealdade, abstraindo da vida como é vivida,” pois acima de tudo

O lugar é uma pausa no movimento. Essa é uma relação entre tempo e lugar. [...] O movimento exige tempo e ocorre no espaço: eles exigem um campo espaço-temporal. Lugar e movimento, no entanto são antitéticos. Lugar é uma parada ou pausa no movimento – a pausa que permite a localização para tornar o lugar o centro de significados que organiza o espaço do entorno. (TUAN, 2011, p. 15).

A noção de espaço possui extensão que convida ao movimento e a exploração. Neste aspecto mover-se leva tempo, já lugar possui peso, estabilidade, portanto é pausa no movimento, aqui o tempo é cifrado como repouso que permite o reconhecimento e o agrupamento de experiências que eleva ao espaço um status, a um sentido de lugar.

Holzer (2003) esclarece que tempo e lugar em Tuan estão relacionados pela noção de distância, pois se pensarmos na atividade locomotora como uma situação que exige tempo para no espaço atuar, então, tempo e espaço são disjuntivos, Dardel retrata que “A ‘situação’ de um homem supõe um ‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência.” (DARDEL *apud* HOLZER, 2003, p. 119).

A noção de distância, recorrendo ao entendimento de lugar e tempo remete igualmente, a ideia de escala: próximo, distante, aqui e ali. Lugar em Tuan (2013) pode ser uma poltrona, toda a terra, a região, a cidade, o lar, dentre outros, desse modo podemos inquirir que são tantos os lugares como as formas de experiência-los. A despeito desta questão Mello (1990) contribui afirmando que:

O bairro, os locais de trabalho, dos encontros e lazer são lugares vividos, bem como os caminhos que conduzem a esses diferentes pontos. A criatividade humana constrói igualmente lugares míticos, terras fantásticas, espécie de paraíso ou eldorado. Locais muito próximos, mas não vividos pessoalmente, podem ser, outrossim, lugares. Os relatados pela imprensa ou conhecidos podem se tornar lugares (concebidos), pois são construídos com o emprego da mente humana e as narrações transmitidas por outrem. (MELLO, 1990, p.102).

O lugar possuidor de amplas escalas não exclui o fato de que o ser humano é um ser intencional, nem reduz a experiência como sendo de alcance limitado ao objeto tateado. Por este caminho os lugares adquirem conotações díspares, sendo que o lugar íntimo-afetivo pode ser endereçado ao lar onde as relações entre as pessoas, objetos e o meio ocorre de modo direto atingindo uma conotação de afeto e reconhecimento. O lugar ideal-indireto pode ser referenciado ao lugar mental; criado pela mente este é atingido de modo indireto e o lugar visual-virtual pode ser remetido ao lugar criado a partir da imagem transmitida ou enunciada por um meio de comunicação seja este qual for.

O sentimento de lugar ou aversão ao mesmo se dá pela apropriação sensitiva que se desdobra no cotidiano pessoal ou grupal. Assim, a criação do sentido de lugar depende da trama vivida, dos contextos que aferem a existência um aspecto de bem ou mal estar. Tuan (2013, p. 171) menciona que “Na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado, de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto”. Verifica-se que tanto a formação como a destituição do sentido ou sentimento de lugar se dá pelo velar e desvelar das experiências intrincadas no exercício de viver, onde os fatos e os acontecimentos aprovam ou reprovam a vida do lugar.

De modo geral, lugar é inconcebível sem a experiência que cria os laços que nos mantem ligados a um sentido de lugar. Deste modo o lugar revela ser uma linguagem pessoal e de referência, que firmamos com o que apreciamos e reconhecemos como parte do eu no mundo. De acordo com Tuan (2013, p. 18) “experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento”. A experiência é o ato genuíno, portanto, primeiro que fornece o entendimento empírico de como transitar no mundo, onde o homem possa nele se reconhecer e despertar as sensações de apego e pertencimento.

É a partir da perspectiva da experiência que se constitui o laço fundamental que liga o homem a terra, porque com ela nos situamos, negamos, aceitamos, distinguimos o quente do frio, o bom do ruim para assim atribuir valores com o que teoricamente define ser para o homem e a natureza constituinte de espaço e lugar. A construção e, portanto

distinção de espaço e lugar é mediada pela experiência, Segundo Oliveira (2013) quando Tuan pergunta:

[...] que é espaço? Que é lugar? Para responder estas questões os conceitos se fundem e se diferenciam apenas por um continuum, assim “quando o espaço nos é familiar, torna-se lugar”. A perspectiva da experiência é que permite isolar os conceitos, que na realidade constituem uma moeda, com dois lados. Espaço e lugar são essencialmente, inseparáveis e permeiam nossas percepções, nossas atitudes e nossos valores de visão de mundo. (OLIVEIRA, 2013, p. 92).

A verdade do ser está na sua experiência, é nela que se constrói inteiramente tornando-se inteligível, palpável, onde a forma, a cor, a textura e os odores são captados e vividos por nossa sensibilidade corpórea, assim atingimos o outro, e damos-nos conta de nossa existência em nós mesmos.

Como consta em Ponty (1999) o alegre e o triste do sol e da chuva é consequência da nossa linguagem, do nosso humor, em verdade o mundo é efetivamente neutro. Parafraseando com Ponty o mundo colorido, triste e encantado que clama os poetas, é fruto da relação criativa do homem com o mundo como possibilidade; deste encontro o lugar se cria efetivamente. Assim “não me é possível não ter um lugar”. (SARTRE *apud* MELLO, 2011, p. 09). “Existir é ter um lugar” (ENTRIKIN *apud* MELLO, 2011, p. 09), pois:

Tanto quanto o meu corpo, eu sou minhas memórias. O lugar é outro atributo do meu próprio eu. Tanto quanto o meu corpo, eu sou o seu ambiente. Como poderia ser possível para qualquer coisa existir sem seu tempo e lugar? O ambiente nos dá nosso corpo, a terra nossos pés, a luz nossos olhos. O tempo nos permite lembrar. Eu sou o único que está aqui; Eu sou aquele que é agora. (KROHN *apud* KARJALAINEN, 2012, p. 08).

Nesta perspectiva, pensar o ser sem seu lugar seria tirar dele seu referencial, seu lar, seu cantinho aconchegante, sua poltrona favorita, enfim, sua experiência que condiciona sua existência no mundo, de modo que se não há lugar não há homem. Quando falamos do lugar integralmente falamos do homem.

O lar como signo do lugar

Falar de lar é inferir de onde a vida começa, similarmente é propor uma simplificação cabível do mesmo como sendo o útero de onde a vida é primitivamente protegida e cercada com as condições ideais para o desenvolvimento e crescimento. Desse modo qual seria a posição do lar na vida das pessoas?

Partindo da premissa de que a criação derivou a partir de um centro, podemos presumir igualmente que qualquer lugar fundado tem sua edificação no centro do mundo dos indivíduos que o estabeleceram como lar, abrigo, refúgio e morada. (FERNANDES, 2014, p. 84).

A casa, o lar, a moradia ou o abrigo representa nosso canto, ou nosso centro, ou lugar no mundo. O lar supõe a noção de equilíbrio, estabilidade, organização, placidez. O ponto fixo do lar permite a localização, de forma que se vou, meu ponto de partida é a casa, se volto meu ponto de chegada é igualmente a casa, dela me despeço ao sair nela me reencontro ao chegar. Assim o lar é posto como signo do lugar, uma vez que

[...] a casa é o ponto de partida primitivo, é o centro e a origem de um mundo. Ir para o trabalho é um movimento para fora e para a diante, rumo ao futuro; retornar para casa, ao contrário, é voltar no espaço e no tempo. Como a casa é um lugar a ser alcançado e ligado ao meu futuro, quando me dirijo a ela me sinto voltando para a “origem” do meu mundo e, conseqüentemente, para o passado. (TUAN, 2011, p. 13).

A casa, de que nos fala Tuan, permite especificarmos que a mesma ocupa a noção de centro de onde emanam as ações intencionais do ser, pois ela é o nosso endereço no mundo, esse não se restringe apenas a esfera de localização específica da casa, mas localização enquanto possibilidade de no mundo plural ou no mundo de todos, onde impera a imensidão coexistam outro(s) mundo(s) centrado no eu particular, de onde meu ser mediado pela experiência esboça identidade de estar no mundo, sendo ao mesmo tempo fazedor de mundo: o mundo próprio. Desbravando o signo de casa para o homem Kant assinala que,

A casa, o domicílio, é a única barreira contra o horror do caos, da noite e da origem obscura; encerra em suas paredes tudo que a humanidade pacientemente recolheu ao longo dos séculos; opõe-se à evasão, à perda, à ausência, pois organiza sua ordem interna, sua civilidade, sua paixão. Sua liberdade desabrocha no estável, no contido, e não no aberto ou no infinito. Estar em casa é reconhecer a lentidão da vida e o prazer da meditação imóvel [...]. A identidade do homem é portanto domiciliar; [...] (KANT, *apud* PERROT, citado por OLIVEIRA, 2001, p. 21).

A casa como lugar se fecha ao medo, a ameaça, sendo no ponto oposto a segurança, o concreto que inibe o mal. Aqui o exterior é representado pelo caos (desordenação) sendo o espaço toda uma abertura dilacerante, já a moradia inversamente, é abrigo (lugar estruturado; ordenado) onde condensa nosso mundo, posto que nele assentam-se os elementos de nossa vitalidade identitária, tais como: objetos, fatos/lembranças e ideias.

De acordo com Almeida e Santos (2009, p.111) “o lugar é sair à caça da singularidade, é se adentrar nas águas mais profundas e fundantes para além daquilo que

aparentemente é percebido por meio da paisagem “natural” e paisagem construída”. A estabilidade do lar reconforta e recoloca ao indivíduo seu norte, assim a casa é o polo estruturador (lugar) enquanto o feixe desestruturador é o espaço exterior.

Para Tuan (2013, p. 11) “Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.” Por este entendimento lar é multiescalar e polissêmico, tendo sentido variável que alterna de acordo com nosso sentido de sentir-se em casa, pois “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1978, p. 200). Se num lugar distante de acolhimento sentimo-nos como se estivéssemos na nossa própria casa é porque dela tomamos referência, assim como da mesma emana o significado de acolhimento protetivo onde sem medo desguarnecemos.

Não é nossa pretensão universalizar o conceito de que sentir-se em casa emana da significância de lar, da mesma forma não podemos toma-lo como uma via de mão única, pois se assim o fizéssemos estaríamos negligenciando a experiência que me fornece tal significado. Cumpre afirmar que o entendimento de lar refere-se de imediato a moradia explicita na casa, mas tal aparição não pode se limitar a conclusão de que só se habita na casa, mas compreender que o sentimento que tenho pela moradia é também sentido por outros lugares vividos e tomados como recantos similares ao berço da casa. Em primeira mão o ser humano habita o mundo pela existência, e a continuação desta depende dos cuidados do homem que comumente escolhem o ambiente doméstico, familiar como lugar ideal para se criar a família, mas cumpre salientar que nem sempre este ambiente doméstico se localiza na casa. Outro sentido de casa é exposto por Damatta (1997), onde o mesmo argumenta sobre a casa e a rua enfatizando que:

De casa vem também casamento, casadouro e casal, expressões que denotam um ato relacional, plenamente coerente com o espaço da morada e da residência. [...] Do mesmo modo “estar em casa”, ou sentir-se em casa, fala de situações onde as relações são harmoniosas [...] e as disputas devem ser evitadas. (DAMATTA, 1997, p.38).

A casa difere dos outros espaços, tendo no seu tom o espírito de familiaridade expresso no contato com os outros, nos elementos e objetos ornados de personalidade, assim, estar no lar é estar protegido, pois “a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade.” (BACHELARD, 1978, P. 208). Enquanto, que, estar na rua é estar exposto antes de tudo a observações, leis e julgamentos. Desta análise surge dois polos divergentes de estados de estar, sendo um situado no espaço público e o outro situado no lugar privado, sobre estes espaços/lugares, DUBY esclarece:

[...] uma área particular, claramente delimitada, é atribuída a essa parte da existência que todas as línguas denominam privada, uma zona de imunidade oferecida ao recolhimento, onde todos podemos abandonar as armas e as defesas das quais convém nos munir ao arriscar-nos no espaço

público; onde nos colocamos à vontade, livres da carapaça de ostentação que assegura proteção externa. Esse lugar é de familiaridade. Doméstico. Íntimo. (DUBY *apud* OLIVEIRA, 2001, p. 18).

Ora, se na área particular, privada situa a ordem que dou as coisas, o mesmo não se pode dizer do público, onde seu funcionamento possui leis próprias, independente do juízo que delas se faz. A esfera pública não gira em torno do particular, mas do coletivo, deste modo, esta é uma lei geral. Na rua nossos sentidos de atenção estão sempre mais alerta do que em casa. O soar de uma buzina ou o zunir de uma frenada de automóvel nos coloca em situação de vulnerabilidade e impotência, mas este estado de alerta na rua não transfere a este a característica de algo a ser sempre temido. O inverso se pode dizer do lar, pois quando nele adentramos figura-se a regularização. Neste habitamos verdadeiramente o esplendor do eu em detrimento do nós, no mesmo, nos desarmamos e nos privamos do contato direto com o exterior, dele é a nossa presunção de confiança e segurança, pois

[...] em todo caso, se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de “amor”, “carinho”, e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao “governo” ou ao “povo” e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso. (DAMATTA, 1997, p. 40).

É certo que há uma generalização nas colocações de Damatta (1997) e a mídia contribui em parte para isto. Nem sempre a rua é um lugar perigoso, denotador de sentido negativo, este sentido varia de lugar para lugar, do movimento diurno e noturno e depende unicamente da maneira singular com o qual experienciamos o mundo. Se o lugar é o sentido que damos a ele, certamente para algumas pessoas a rua não é um local perigoso. De modo geral, no lar, caracterizando a porção do lugar privado, somos reconhecidos como estando no interior do universo onde é exterminada a sensação de imensidão que nos relativiza.

No lar somos entidades especiais de nossa própria valorização. No lar, ou como cotidianamente se diz, na casa, as necessidades biológicas e banais do ser são supridas no âmago da privação. Assim “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (BACHELARD, 1978, p. 201), sendo assim,

[...] casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades de céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa [...]. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa. (BACHELARD, 1978, p. 201).

Na casa há o calor imprescindível à vida, onde nos resguardamos das intempéries, pois na casa a relação entre abrigo e abrigado é convertida numa dialética de complexidades por vezes incompreensíveis. Mas ao que se vê, lar é sem dúvida o signo do lugar; o lugar do descanso, da recuperação, do devaneio, do sonho, da segurança, da família, da privacidade, enfim, lugar do nosso centro do mundo ou do nosso próprio mundo.

A casa como escrita: os objetos e as memórias

A casa se coloca como escrita, pois se pode lê-la conforme o que ela se apresenta consubstanciada nas suas imagens, nos seus códigos, configurando uma linguagem em si; um reflexo de quem nela se vê e se constrói, pois se os objetos possuem um lugar de sedimentação e dele se tem uma história, são estes que a certo modo melhor descreve o nosso contexto cultural.

É Claval (2001) quem melhor nos fornece o caminho para esta compreensão, quando ele menciona que o indivíduo não foge de ser uma engrenagem, um todo que o completa. Se o indivíduo é um todo, o outrora, o presente fugaz e o porvir se condicionam para que esta engrenagem possua sentido e contexto. Sendo assim a maneira como o indivíduo responde ao mundo, seus gostos, suas identificações e suas aspirações estão intimamente ligadas ao modo como o ser se constrói dia a dia dentro de sua especificidade cultural.

Neste limiar uma questão que se coloca é: No entrelaçamento de ser e lugar o que a casa passa a exprimir? Compreende-se que a casa não encerra a complexidade dos significados que nela aparenta. O corpo da casa (sala, quarto, cozinha quintal...), a ornamentação da mesma de que servem os objetos contam uma história do passado de quem os recolheu. Evidência disto é o que nos conta a Sra. Ana Maria de Jesus Ferreira quando indagada do porquê do fogão a lenha e das plantas no seu quintal ela responde:

A lembrança foi da fazenda ne. Alembra sim das pranta que nós tinha na fazenda. O fogão de lenha ne, eu tenho tudo ne. [...] a ora que eu quero cozinha feijão, faze muita comida eu vô pra lá e é tranquilo. [...] recorda os avô, as mãe da gente, tudo cê recorda, recorda de todo mundo. Parece que a comida de lá é mais gostosa, é mais rápido. [...] (Entrevista realizada no dia 28/09/2014).

Este rememorar da Sra. Ana Maria encontra substância nos objetos presentes no quintal, são estes que remodelam o passado vivido com seus pais, avós e familiares, onde ela recorda as experiências primeiras. Grande parte da fala dos entrevistados possui uma

similaridade no que se refere aos modos de vida do passado, centrado na vida rural de onde se origina seus gostos, saberes e maneira de descrever a própria vida. Edicionina nos fala um pouco deste contexto ruralesco que os objetos presentes, em especial, a panela de ferro, em sua casa a faz reportar.

[...] Óia aquela contornera lá, de primeiro a gente morava na roça num tinha geladera. A gente num tinha geladeira não na roça, nem energia, nem nada ne, então aquela contornera é dessa época. [...] era aquela água tão gostosa tão friinha. Tem uma panela de ferro, por que quando a gente morava na roça a gente usava aquelas panela de ferro ne, calderão de cozinhar feijão, uma panela de cozinhar arroz, uma de fazer a mistura, então eu ainda tem ainda, me acompanha esse objetim, uma panela de ferro. Meu marido, ele gostava muito de fazer ovo frito, eu fazia nela, eu uso ela ainda, nossa eu alembro dele. [...] eu me alembro assim quando eu usava aquele fugãozim de lenha, (Entrevista realizada no dia 28/09/2014).

O tempo passado vem reviver na figura dos objetos um traço do que se foi, e que agora reside na consciência, incrustado numa paisagem composta de sons, odores e sabores. Edicionina ao mostrar com orgulho sua “contornera” e “panela de ferro”, nos convida através de suas palavras ir ao encontro de sua identidade, de seu mundo envolto de um conteúdo bucólico, porem vivo e ávido em seus dizeres e na forma como relembra de sua própria jornada sobre o mundo.

Os dizeres de Ana Maria e Edicionina configuram o papel dos objetos na representação do contexto cultural de seus moradores. Nota-se que o fogão à lenha e as plantas medicinais juntamente com as hortaliças é paisagem comum nos quintais dos entrevistados, pois todos possuem uma experiência direta com o campo. Para as moradoras os objetos circunscritos pela casa possui significado a seus moradores, pois os mesmos se colocam como espelho, portanto reflexo da partitura entre o que foi e o que é. Nas falas dos entrevistados a palavra lembrança surge com ênfase, quando citava-se os objetos, denotando que não existe uma distância entre objeto e significado, ambos são uma coisa só, quer dizer, ao passo que o objeto só possui sentido para quem o signifique, então este não se torna só objeto ou só significado separadamente, este é o próprio sentido inaugurando o que se convém chamar de contexto cultural ou identidade cultural.

O que fazem os objetos que muitas vezes o ser os recolhe para si? A esta questão Tuan (2013, p. 228) contribui ao afirmar que “os objetos seguram o tempo.” Partindo desta reflexão, os objetos na condição de registros, permitem o vagar da lembrança, do que se passou no tempo, mas que não se apartou de nós. Assim entendido “os objetos não são simplesmente suportes da memória funcional. Eles tomam frequentemente uma forma simbólica.” (CLAVAL, 2001, p. 84). Simbólica porque este é uma representação, um signo,

ou seja, uma junção entre história, ser e tempo. Deste entendimento a memória e os objetos se somatizam e se prescrevem como forma de o ser representar-se a si mesmo.

As falas dos moradores direcionadas a configuração de seus lugares nos mostram que os objetos ocupam um lugar de significado na casa. A seleção e a escolha desses dependem unicamente de como o indivíduo agrega valor ao mundo a partir de seu bojo cultural de criação. Para uns é a panela de ferro, o fogão a lenha, as galinhas... Para outros é o jogo de porcelana herdado, a gravata do marido já falecido, o porta retrato... Estas materialidades com o auxílio da memória os fazem mergulhar no horizonte que condensa uma paisagem tátil, sonora, e de odores que se é reconhecido e assimilado, pois se trata do sentido incrustado no que se credencia o ser em sua própria identificação.

Tuan (2012, p.144) diz que “Os pertences de uma pessoa são uma extensão de sua personalidade; ser privado deles é diminuir seu valor como ser humano, na sua própria estimativa.” Compreendemos nisto que ao se falar do ser na sua subjetividade, os objetos de sua estima, concentrados a sua volta, contextualiza-o na sua fala e na maneira como os mesmos concebem os seus lugares de afeição, sendo assim estes nos auxiliam no entendimento da memória que ora é revolta, reerguida fixando o elo íntegro do ser no tempo.

O bairro como extensão do lugar

O que dá ao lugar sua qualidade essencial? Esta pergunta faz sentido se entendermos que a força do lugar, ou o gosto pelo lugar existe em parte porque o todo se relaciona num ponto convergente. Ora o lugar não se restringe a casa, mas para que o lugar da casa, ou o gosto de morar numa específica residência atinja certa plenitude, este depende da vizinhança; logo o bairro, que aqui designaremos como setor, reclama seu status como lugar de experiência com o outro, com o vizinho, com o ar fresco, com o seguro, com o todo. Partindo da premissa que “o núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco.” (RELPH, 2012, p. 31).

Até que ponto vai o domínio de um lugar, isto é, pode se definir as barreiras do lugar? Entendemos que não. Não, porque as relações que constituem o todo e o particular se aglutinam e ramificam momentaneamente, nada é só aqui ou ali separadamente, o agora é a expressão do presente em suas mútuas mediações que vão além do domínio que cremos já ter apreendido. Quando se pergunta aos moradores sobre o que significa a casa, logo suas palavras nos conduzem aos vizinhos, ao setor como espaço vivido, que dele se

tem uma apreensão particular direcionada ao bom, onde a relação do eu com o outro se harmoniza. Este harmônico é verificado na fala da Sra. Ana Maria de Jesus Ferreira quando esta nos fala do gosto de morar em sua casa, em seu setor.

Eu gosto muito daqui. Aqui o setor é muito bão, os vizim é gente boua né, muda um e aparece oto mió ainda né, é bom demais. Aqui é um lugá muito tranquilo, aqui ninguém vê ninguém discutino cum ninguém. [...] Eu gosto é daqui. Eu sai pá rua, quando eu chego aqui parece que é um alívio né. Eu gosto daqui né [...]. Aqui cê é livre cê vai onde cê qué, recebe todo mundo que chega. É diferente, eu gosto muito daqui, quando é de noite, nós vai pá porta da casa dela ali ó, junta tudo lá na frente lá, fica todo mundo lá na boa, junta os fie tudo, nós fica tudo lá. Eu num vejo isso passando na rua, eu num vejo a tranquilidade que nois faiz aqui. Cê só vê nas porta do bár, a num cê, cê num vê. É tranquilo demais aqui, eu gosto é daqui. (Entrevista realizada no dia 28/09/2014).

Na fala acima, observa-se, que o espaço de vivência não se restringe ao interior da casa. A qualidade do setor permite que seus moradores compartilhem o afeto de um para com o outro no convívio diário. Neste clima de encontro citado acima “as pessoas se sentem mais seguras, vivenciando num clima de solidariedade os mesmos espaços de diálogo que regem a experiência cotidiana e lhes possibilitam perceber a fluidez e as coisas comuns do bairro.” (HALLEY, 2014, p. 50). Entender o bairro na sua integridade muitas vezes é reconhecê-lo como produto da experiência cotidiana comum a todos, concomitantemente as falas dos moradores se inter cruzam, como que dissessem uns pelos outros à qualidade do bairro, do lugar compartilhado entre os seus. Assim diz a Sra. Edicionina Candido de Oliveira (em entrevista realizada no dia 28/09/2014) sobre a convivência com seus vizinhos: “[...] *esses vizim aqui, tudo é gente boa demais, nossa eu gosto muito do meu setor, pra mim, aqui não tem ninguém ruim nesse setor do Jardim Emília, ninguém! Nossa é bom demais, todo mundo amigo, é muito bom*”.

Essas relações de vizinhança, onde as amizades crivam o todo de um valor único, transferem ao bairro, o valor do que nele se vive. Se os vizinhos são bons, a casa e logo o setor por completo é bom porque este é parte do conjunto da experiência que nele se concretiza. Ivone Vanda de Jesus nos diz em entrevista que

Pra mim o setor aqui é o melhó setor que existe. Os vizim é muito bom né. [...] meus vizim aqui eu considero igual parente mesmo, nem certos parente a gente não considera ne, por caus que tem uns parente que a gente não tem consideração que nem os vizim, e sempre meus vizim aqui procura muito comigo. No dia que eles num me vê, eles fica proguntano, meu Deus, eu tem é dia que eu não vejo Ivone, aonde é que Ivone Tá. (Entrevista realizada no dia 19/09/2014).

A preocupação com dona Ivone por parte dos “vizim”, faz com que ela se sinta valorizada e parte integrante do e no seu setor. Esta qualidade viva do bairro, explicada no cuidado do vizinho e na reciprocidade de um para com o outro, faz com que o setor se

torne “um lugar de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em profundas e duradouras relações de parentesco, vizinhança e compadrio.” (HALLEY, 2014, p. 44). O sentido unisiônico dado aos bairros pelos moradores é também encontrado na afirmação do S.r. Loreço Nunes Da Matta, pois pra ele

[...] Aqui é mais tranquilo ne. Os lugá mais grande não dianta a gente i que tá sufocado demais, só se vê fala em coisa ruim. [...] Aqui é mais sussegado. Aqui é um seto bão, os vizim tudo bão, então isso tudo faiz a gente fica queto no lugá ne. Primeiramente o que faiz a gente mudá mais é vizim rui ne, que vizim rui vô te falá é duído (risos). Aqui é bão ne, aqui é um seto mais tranquilo, mais calmo. O roubo aqui é mais poco”. (Entrevista realizada no dia 28/09/2014).

Ao que se nota, o lugar da casa se constrói mediante um conjunto de intermédios, tecido entre as pessoas e os lugares circundantes. A constituição de um lugar depende das amarras que nele são constituídas e aprovadas nas suas mútuas variações em menor e maior grau de implicância. A fala do S.r. Loreço nos remete a Tuan (2012) quando para ele

[...] satisfação com o Bairro depende mais da satisfação com os vizinhos – sua amizade e respeitabilidade – do que das características físicas da área residencial. As reclamações sobre moradias inadequadas ou ruas inseguras comumente são reclamações sobre os hábitos e padrões dos vizinhos. (Tuan, 2012, p. 299).

Parafraseando com Tuan (2012), a satisfação com Bairro implica no sentido dado ao lugar que se vive. O gosto pelo lugar expresso onde se habita é dependente das relações que se conectam no cotidiano das experiências coletivas e individuais, pois o lugar direciona-se “[...] à particularidade e à conectividade com a qual sempre experienciamos o mundo. Às vezes é rico, às vezes é fraco, mas é uma inescapável parte do ser.” (MALPAS *apud* RELPH, 2012, p. 29).

Todos os entrevistados ao se referir sobre a implacável ligação sentida pela casa como lugar, igualmente eles agregam parte deste sentimento de pertencimento à qualidade do Setor intitulado como o lugar do encontro, da familiaridade, do bom vizinho e do sossego. Assim, o lugar não se constitui da relação eu com o eu. Lugar não se forja no fechado, ele se cria efetivamente das relações conjuntas e singulares.

Neste amplo domínio dialético que se perpetua o habitar, o bairro/setor se coloca como extensão do lugar, e se insurge como o próprio lugar “[...] de expressiva magnitude, caracterizado por uma trama de relações constituída por um conjunto de enredos e representações sobre os quais se assenta o conteúdo concreto da vida.” (HALLEY, 2014, p. 49). É nesta perspectiva que o setor Jardim Emília é vivido, experienciado e citado por seus moradores, que há mais tempo residem no local, pois, “Em

grande parte, as pessoas são satisfeitas com sua área residencial. Para aqueles que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até mesmo afeição.” (TUAN, 2012, p. 297). O S.r. Nazaro de Araújo nos guia sobre os aspectos de seu setor Jardim Emília, quando este nos fala da familiaridade com os vizinhos, do respeito, da ajuda mútua e de sua rotina no seu espaço/tempo vivido. Assim ele menciona:

[...] Eu tinha três [filhos] que morava lá em Goiânia, i eu ia lá mais...eu não gosto de lá. Lá é aquela correria doida e eu não acostumo com esse negócio não, eu gosto de vive num lugazim sussegadim tranquilo, a gente pode senta fora, aí seu amigo tá passano e a gente tá conversano. E lá em Goiânia não é desse jeito ne. A gente fica lá, fica preso rapais, veno a hora de qualque coisa ne. Eu num acostumo, e esse negócio deu ficá, igual lá tem que ficá tudo porta fechada, portão trancado, eu não acostumo cum isso não. Na boca da noite eu sento ó aí fora, meus amigo tá passano, vem um conversa mais eu. Eu sai vô no vizim ali cunverso, tudo e tamo passano o tempo ne. [...] E eu tenho uma amizade aqui, a hora que eu sai, que eu demoro todo mundo fica incomodado comigo, vem aqui olha e tudo. É desse jeito. Todo mundo óia pra mim aqui, todo mundo aqui, as vizinhança aqui, tudo óia pra mim e eu óio pra eles também. Eles sai aí, todo mundo me incumenda a casa aqui, ó eu vô sai cê vai oiando aqui pra mim. Do mesmo jeito é eu, eu sai, eu fico mais dispreocupado por que todo mundo aqui óia. Desse tempo todim que eu moro aqui, nunca nem uma pessoa vei me aburra aqui na minha porta. Eu sou o seguinte eu num incomodo um vizim. Não incomodo nada, trato bem, respeito todo mundo, todo mundo me respeita também e trata bem. Aquela harmonia que cê pricisa vê viu, é legal demais viu. Então a gente tem amor ao lugar ne. (Entrevista realizada no dia 22/09/2014).

O amor/apego ao lugar denotado por Nazaro e outros moradores depende de um contexto maior, onde a esfera da sociabilidade se expande para além da casa. Poderíamos falar que o bairro/setor possui uma identidade geral que se especifica na maneira que este lugar é visto, sentido, vivido e enunciado pelo coletivo. A identidade do lugar desse modo seria igualmente a identidade da casa e do bairro, pois o lugar não só comporta, mas é estes dois polos da experiência entre ser e mundo, ou seja, entre o significador e o objeto significado. Mello (2011) contribui com esta ideia ao afirmar que

Para a formação de identidade do lugar a relação entre a pessoa e toda a aura que a envolve é essencial. Experiência, símbolos, significados e permanência contribuem para forjar o sentido do lugar. As brincadeiras no espaço coletivo, a respeitabilidade e a convivência em endereços diversos, despertam um profundo sentimento de bairrofilia, sensação esta de apego, pertencimento, filiação e bem-estar. (MELLO, 2011, p. 10).

As filiações dos moradores que há mais tempo residem no Setor Jardim Emília nos desperta para algo fundamental; o lugar longe de ser um pretexto é um contexto. Qualquer ideia que se teça da casa, seja de seu significado, de seu signo e de seu símbolo deve-se levar em consideração o corpo geral sobre a qual se estrutura o próprio lugar. Ou

seja, as implicações do bom lugar são dependentes daquilo que subjetivamente completa o ser nas suas características sociais, culturais, econômicas e simbólicas. É neste aspecto que o bairro se coloca como extensão do lugar da casa.

A percepção dos moradores quanto a casa como lugar

O tempo como já afirmamos é imprescindível para a compreensão de lugar. Por meio da experiência, seja efêmera ou duradoura constitui-se o lugar. Sendo assim, existem diversas formas de experienciar, conquanto, existem diversas acepções de lugar. No entanto frisaremos aqui, apenas, se o tempo de permanência numa localidade explicita na casa, dá a mesma, foros de lugar. Pois “O sentido de lugar é adquirido após um período de tempo. Quanto tempo? [...] quanto mais tempo permanecermos em uma localidade melhor a conheceremos e mais profundamente significativa se tornará para nós. (TUAN, 2011, p. 17)”.

A experiência no espaço de vivência revigora uma relação proximal entre o homem e seu lugar. Desta relação mediatiza-se a trama constituinte do sentimento intencional do ser aberto ao mundo como potencialidade do acontecimento, onde, criatura criadora e lugar encontram-se indissociável. É sobre esta inseparabilidade, homem/lugar, significador/significado que nos fala o morador Nazaro sobre sua casa ao afirmar que:

[...] É um fruto que eu tenho na minha vida é essa casa aqui. Eu lutei pra fazer ela... e tem amor... e tem amor não vou negar e tem amor. Só mudo daqui pra outro lugar lá que Deus determinar pra mim ir. [...] Graças a Deus eu to feliz aqui. Eu já acostumei aqui... pra mim é uma felicidade eu tá aqui dentro da minha casa aqui, aqui é um lugar que eu gosto e faço o possível de sempre permanecer aqui, eu acho bom demais. [...] pra mim eu tano aqui eu to seguro, chego aqui sinto prazer de tá dentro da miha casa aqui, porque até hoje graças a Deus nunca aconteceu nada de ruim comigo ne, Pra mim a melhor coisa do mundo é essa casa aqui. (Entrevista realizada no dia 22/09/2014).

Percebe-se na fala do Sr Nazaro o imbuir do ser e lugar constatado na casa que se dá a partir da experiência sofrível que o mesmo teve para construí-la. Ao morador metaforizar a casa como fruto de sua autoria, subentende-se que fruto é produto de um esforço e a esse esforço dá-se se o citado valor. Percebe-se a partir do relato do morador que, sua casa e sua pessoa estão imbricados e se somam, de forma que sua história contada se efetiva na objetividade da casa. Desse modo a história do senhor Nazaro tem endereço, telhado e paredes, estas contrastam a lei do seu esforço que é hoje vivenciada/saboreada com felicidade e com explícito amor, pois ver se que “A casa é a própria pessoa, sua forma e seu esforço mais imediato” (MICHELET *apud* BACHELARD, 1978, p. 263).

Qualquer casa vista de fora, no máximo denotará um perfil arquitetônico/estético, talvez econômico do morador, e por fim histórico da sociedade. Mas a casa vista no seu interior, fruto de quem a vivencia, produzindo-a possui peso, história e uma cumplicidade entre homem e lugar contida na memória, cuja chave é quem existe e simboliza o local. A esse respeito, Tuan (2013, p. 34) menciona que “a gravura de uma estrada que leva a um distante chalé parece fácil de interpretar; contudo a estrada só tem sentido completo para alguém que a tenha percorrido.” Sendo assim o sentido dado às coisas incide no ato experiencial e a partir deste é desvelado o juízo ou a ideia sobre algo de que nos valem.

Lugar é constituído, sobretudo a partir da vivencia, desde as mais banais as mais complexas. Lugar não existe a priori, este é forjado a partir da experiência, pois “certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, “sem vida” ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo ganha foros de lugar.” (MELLO, 1990, p. 105). Exemplo disso é o que nos conta a moradora Edicionina em entrevista realizada no dia 28/09/2014 sob a chegada da mesma à cidade de Minaçu trinta anos atrás, “Quando eu mudei pra Minaçu eu vim de Goianésia aqui chorando[...] Um ano eu fiquei aqui na marra, eu fiquei magrinha. Eu não gostava daqui, eu chorava o tempo todo, não comia, era um calozão. [...] aqui era só triero e mato. [...] Agora não, acostumei.”

Mas o que fez a Sra Edicionina acostumar com o local? E como se deu a fusão de espaço para lugar? Ao compartilhar sua história logo entendemos que a vivencia com seu marido na casa fez com que a mesma se tornasse um relicário de lembrança, sobretudo a partir da morte de seu marido. Quando perguntada se ela sentia saudade do marido e sob suas lembranças presente na casa ela responde:

[...] Muita, muita, muita saudade, [...] tudo aqui lembra ele, tudo, tudo, tudo. Eu nunca mudei nada, ó nem minhas coisa de lugar eu nunca mudei, eu nunca troquei nem meus moveis de lugar, é tudo permanece do mesmo jeito, tudo, tudo, do mesmo jeitim quando ele tava aqui. As coisa vai permanecer do mesmo lugazim, do mesmo jeitim, me lembra muito dele, nossa. A nossa vivencia foi maravilhosa. E eu tem certeza que eu vô saí daqui só pu cemitério lá onde ele tá, eu não vô muda daqui nunca. Passei muitos momentos assim difíceis, mais também muitos momento bom assim na vida aqui. (Entrevista realizada no dia 28/09/2014).

Durante a entrevista, percebe-se que as falas da Sra Edicionina são eivadas de emoção e saudosismo da vida constituída na casa juntamente com seu marido quando este fora vivo. Inicialmente a casa não representava coisa alguma, mas com o passar dos anos ao lado de seu marido a casa concretizou o acontecer da vida de ambos. O que antes não despojava de significado, passa a ser hoje para Edicionina um símbolo, uma chave de perscrutação ao passado, revivido e encerrado no bojo da casa, assim não se pode dizer que a casa não tem sentido de lugar, pois, para a moradora a casa é este lugar. Preservar a

casa para Edicionina é conservar a memória e o sentido da vida, ao não mudar os moveis de lugar, não se muda a rotina da casa, tudo possui significado, até a disposição dos móveis integra o corpo memorial da casa.

O valor da casa é expresso quando a moradora viaja, ou quando é levantada a hipótese de sua saída da casa por parte de seus familiares, no primeiro caso ela sente saudade da casa e logo quer voltar, no segundo caso a resposta é sempre não. Bachelard (1978, p. 227) complementa ao dizer que “A casa vivida não é uma caixa inerte, o espaço habitado transcende o espaço geométrico.” Vista de fora a casa da entrevistada é simples, possuidora de um padrão geométrico popular, mas para a moradora, a casa é um centro de significado que a ela pertence como um objeto de valor próprio, ímpar e subjetivo do qual não se vende a preço algum. Quando questionada se ela por vontade própria quer se mudar da casa a fim de se estabelecer em outro lugar, ela exprime uma vez mais a significância de sua moradia:

Pudia me dá uma casa, bem boua, bem melhó do que a minha, em qualque lugá da cidade, pudia se lá no centro, na avenida Maranhão por exemplo, tudo no centro lá ne, mais eu prefiro aqui. [...] Eu prefiro ficar aqui, no meu cantinho. Esse cantinho, essa casa foi um lugar que Deus abençoou, que Deus incaminho pra min compra, pra nós compra, pra nós vive, pra nós termina de cria nossos filho que era tudo piqueno, e aqui a gente conseguiu compra essa casinha. Não, e muito bom aqui! Aqui significa tudo pra mim aqui. [...] agora aquele programa que tem, que fala que tem a minha casa a minha vida? Aqui é a minha casa a minha vida (risos). (Entrevista realizada no dia 28/09/2014).

O significado advém do sentido que damos aos fatos, objetos, pessoas e lugares. Este sentido ou a existência deste pressuposto coloca evidentemente em voga o contexto do vivido como mediador entre aquilo que amamos e não amamos. Edicionina coloca sua casa como expressão máxima que um lugar pode possuir nos dias hodiernos, quando ela exemplifica que podia ser a ela oferecida uma casa no Centro, na avenida Maranhão, que possui melhor preço comercial em troca de sua residência, e ela diz: “*não, eu prefiro aqui*”. O “aqui” indica uma particularidade do vivido que o outro local não possui, o “aqui” para Edicionina é caro, valoroso e único sendo indicativo de passado, presente e lembranças bem cicatrizados pelo tempo. É desta grandeza de significado a natureza do lugar, é deste oculto sua autenticidade verdadeira.

Próximo do que nos falou Edicionina, direciona-se a fala da Sra Maria Gonsalves de Jesus, em entrevista no dia 22/09/2014, enfatizando que no momento de sua chegada ao setor e a sua casa, a mesma não gostou, à primeira vista estranhou o local, pois não lhe era familiar, assim ela disse: “[...] *Num gostava, Num achava muito bom não, estranhô ne, inda mais que aquela época nós moro, pra lá onde nós morava mixia era com roça, toda vida, era cum*

plantação era cum criação de galinha, de porco, essas coisa ne, e chega aqui e fica queto aqui na rua?...”

Nota-se que a mudança para a cidade propiciou um novo modo de vida para a moradora, onde ela saiu do convívio com as “*criação*”, e “*plantação*” para o modo de vida citadino. Quando perguntada se hoje ela mudou de percepção com relação ao gosto de morar em sua casa e sobre o que ela significa, ela esclarece: “*Eu gosto, tem veiz que dá vontade de permanece, e tem veiz que dá vontade de mudá, mais, mais de permanece aqui, porque a gente já fico aqui esses ano todo ne, nós já enraizo aqui (risos). Foi o que a gente construiu com muito sacrificio, trabalho. Suo ne pá consegui.*”

A casa para a moradora ganha com o passar dos anos status do trabalho e do suor. Nota-se na fala, o designar do tempo interferindo na escolha entre permanecer ou mudar, pois quando ela menciona: “*nois já enraizo aqui*” supõe que a raiz indica o que está seguro, fincado, estabilizado portando leva-se tempo para enraizar-se, e o que está enraizado não muda, não se move, pois no solo está fixo e introduzido. Quando indagada sobre o que passou a significar sua casa hoje, ela menciona: “*é um lugar da gente cum diz que a gente tem ali toda a liberdade ne.*” Liberdade, só se tem quando no lugar se é integrado, conhece-se, vive-se e confia-se. A casa onde o estar livre é exercido é colocada com ênfase, indicando uma qualidade própria do lugar, o lugar da liberdade.

O que a casa representa é expresso com maior notoriedade pela moradora, quando questionada se quando a mesma viaja, a ausência da casa é sentida, fazendo com que ela sinta vontade de voltar, ela responde: “*Ixi, muito, muito vontade, vô dano vontade de vim bora, não tem nada que segura. A casa da gente é bom demais, a gente tem toda liberdade, fora da casa da gente a gente não tem a liberdade que a gente tem na da gente, pra tudo ne*”. A entrevistada faz uma comparação, entre o que ela sente estando na casa do outro, com o que ela sente estando em sua casa, e uma vez mais a palavra liberdade é designada como elemento deste diferencial. A liberdade “*pra tudo ne*” ou a presunção da mesma só se efetiva de fato em sua casa, lugar de sua autoria, de seu mando, de sua total liberdade.

O marido da Sra. Maria o S.r. João Ferreira da Silva também possui igualmente ligação com o lugar, porque o motivo de sua vinda para a cidade e conseqüentemente para sua casa está ligado a melhorias econômicas, (em entrevista realizada no dia 22/09/2014) ele diz: “[...] *Nóis vei caça miora. La em Minas, vô dize uma coisa, na época que nós moro lá assim, arroiz era mistura[...]. Quando chegava visita na sua casa, aí cê fazia arroiz, aí quando nós chego aqui esse tanto de arroiz[...]*”. A própria vinda do S.r. João Ferreira à cidade de Minaçu foi moldada de expectativas que foram almeçadas e alcançadas no sentido da sua “*miora*”; desse modo sua casa, seu lugar constitui-se segundo ele num sonho. Ao ser

questionado sobre o gosto de morar em tal lugar ele diz: *“Ixi, aqui pra mim é, um ne..., não tem nem palavra tanto que eu gosto morar nessa casa aqui. Rapais essa casa pra mim é tudo ne, essa casa pra mim é meu sonho, aqui pra mim é nota dez ne, esse barraco aqui ne. [...] eu pra mim, tudo nessa casa eu gosto ne”*.

Quando perguntado ao S.r. João sobre a sensação que sua casa lhe traz, ele, fala do regresso, do repouso e confessa a autonomia de sentir-se livre e a vontade ao dizer que:

[...] A ora que ocê chega do cerviço, é ali que cê vai discança ne. Então a casa da gente, [...]ela traiz sossego, aconchego ne (risos). A casa da gente ela pode cê ruim do jeito que fo, mais ela é mió do que a casa do pai, mió do que a casa da mãe. O dia que ocê casá, oce não que mais sabe da casa do seu pai nem da sua mãe ne, qué é a sua casa ne, ela pode se ruizinha do jeito que fo, mais é sua casa ne. É aquele lugar que ocê entra e dismanda, ce faiz o que o cê quiser ne. [...] eu pra mim hoje, a casa da minha mãe e condiz o caso eu chego lá é só na sala, eu não sei nem, i lá na cozinha eu não sei. [...] Aqui eu entro nos quarto reviro a casa, um trem que eu não gostei eu ranco dali, (risos) cê tem liberdade ne. (Entrevista realizada no dia 22/09/2014).

Conforme Tuan (2013, p. 12) “os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação.” Observa-se na fala acima, que a casa para o morador, possui valores diversos, explicitamente a mesma é o lugar do descanso, do aconchego, do sossego, da transgressão da norma, pois a liberdade de ser/estar embota seu esplendor nas atitudes mais banais. Lugar, pois nele o “eu” ganha tonalidade e propriedade para expandir-se além daquilo que comumente se traqueja, lugar de romper com a restrição, lugar onde simplesmente se é sem figuração.

Um pouco do que sente o João por sua residência é igualmente sentido e descrito nas falas do S.r. Lorenço Nunes da Mata onde para este sua casa possui significado pois conforme (entrevista realizada no dia 28/09/2014) ele diz: *“criei meus fie aqui”*. Quando perguntado se sente a ausência da mesma quando sai ele explicita *“sente dimais da conta, fica doído pá vim bora, (risos). Igual o lugá da gente num tem não”*. Resposta igual é postulada por sua esposa a Sra. Lindolfina Jesus da Mata que nos diz *“o que eu sinto mais saudade...da minha liberdade, da minha tranquilidade. Porque também gosto de convive na minha casa, [...] senti tranquila liberdade e tudo. Sinto isso tudo, sinto à vontade, é o seu lugá é a onde você mora, é a onde você tem, é seu chão que você mora, [...] O seu chão é o seu lugá”*. Estes sentimentos se explicam porque “Lar é onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence. A ausência de lar pode nos levar à saudade.” (RELPH, 2012, p. 24).

Perante as falas dos moradores, o sentido do que significa a casa é único de cada indivíduo, mas as respostas convascentes a esse sentido se aproximam pois o valor do

F.

lugar é contingente de experiência seja alegre ou triste, mas experiência de algo. Seja do que se lembra para o que se conta como o faz a senhora Ana Maria de Jesus Ferreira ao referenciar sua moradia ao ponto significativo de algo construído e deixado a ela como herdeira do último esforço de seu falecido esposo perante a morte, pois *“essa casa aqui significa muita coisa, isso aqui foi o suó do meu marido que morreu, que compro ela, e deixo pra nós aqui. Crio os filho dele tudo aqui. Eu gosto muito dessa casa que foi ele que compro e deixo pra mim”* ou como faz a Sra. Floripes Maria de Jesus que ao mencionar sobre sua casa ela diz: *“eu gosto demais da minha casinha, nossa mais eu amo a minha casinha”* ela completa ao falar que sua casa é *“tudo. Abaixo de Deus é tudo!”*.

O que o *“tudo”* expresso por Floripes significa? Tudo é igualmente a manifestação do todo vivido, experienciado na totalidade do ser. Este *“tudo”* é o crivo dos movimentos diários onde *“Os acontecimentos simples podem com o tempo, transformar-se em um sentimento profundo pelo lugar”* (TUAN, 2013, p.175). É na casa que se encerra nossos dias, noites e vivências. A moradia é lugar de intimidade, onde se deita, dorme, acorda, cozinha, recebe os amigos, chega cansado; ah! toma um banho revigorante... É neste lugar que o eu existe profundamente e se reconhece no todo paisagístico do entorno recolhido e tomado para si, desse modo o lar é moldado e moldura do próprio indivíduo, logo é o próprio indivíduo, pois tudo do lugar possui valor e significado direcionados e decodificados a quem imprime tal valoração.

No específico as falas dos moradores designadas ao somatório simbólico da casa apontam o calmo, a liberdade, o aconchego, o lugar, a familiaridade, o enraizamento, o nosso canto, e sobretudo a saudade seja de alguém que nela encerrou seus dias deixando sua marca, seja da ausência da própria casa quando está ausente. Colocamos acima a importância do tempo como àquele que permite ao homem organizar, construir e reconhecer um local como lugar. É no tempo passado que se colhe a objetividade da história que agora se conta, pois ali está o marco, o que se tornou sentido de ser lembrado, cultuado e revivido, a este passado evocado pelos moradores Tuan esclarece:

O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. Eu sou mais do que alguém que nesse momento luta para expressar o pensamento em palavras (TUAN, 2013, p. 227).

Muitos moradores resistem ao fato de mudar-se de suas casas, pois ali está sedimentado um corpo de imagens que compactua passado e presente, o antes, o agora e o porvir, eis aí a força do lugar, sua alma, seu encanto, seu cosmos em toda a acepção da palavra. Pois “[...] o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas

que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte.” (TUAN, 2013, p.189). Neste aspecto a casa é um lugar humanizado por seus habitantes, onde estes pelos sentidos lhe atribuem significado e o identificam como expressão de si mesmos.

Considerações finais

Ao fim desta pesquisa, fica de certo modo outra maneira de compreensão acerca da casa e do ser que nela habita, seu corpo e seus sentimentos conjugados por sua experiência. Observou-se que a casa é um lugar por excelência em razão de seus moradores fazerem dela um lugar de intimidade, onde, a memória e a identidade estão bem edificados, estruturando a certa maneira a forma como os indivíduos posicionam-se sobre questões do cotidiano e do próprio eu, desse modo o homem é um arquiteto edificador de seu ser e como tal a experiência é o fato principal que norteia sua concepção de mundo e de lugar.

Nesta pesquisa, trouxemos à tona a fala dos entrevistados como forma de considerar suas linguagens, suas subjetividades e suas historicidades. Não falar pelos moradores é aceita-los como produtores do seu próprio conhecimento, o conhecimento geográfico de si. Assim o que se fez aqui possibilitou compreendê-los quanto aos seus sentimentos, suas aspirações e suas relações com o lugar. Notou-se a partir das declarações dos mesmos que a casa é polissêmica, seu sentido está em torno da liberdade, do aconchego, do abrigo, do fruto, da segurança e do bem-estar.

Em suma adentrar a casa possibilitou ancorarmos num mundo em toda a acepção da palavra, sendo este composto de causos, histórias, memórias, odores, sons e paisagens, que neste enredo de palavras nós leitores e ouvintes só ficamos com o exercício da imaginação, do que foi dito, experienciado e vivido pelo sujeito pesquisado. O quanto ficou no oculto? O quanto nos foi dito? o quanto foi esquecido? Certamente se chega a uma conclusão, e esta não nos permite concluirmos, uma vez que as discussões que envolvem o ser e o lugar não estão finalizadas, ciframos questões de alguns contextos que nos permitem aqui dizer que o universo do lar/lugar possui símbolos, códigos e signos inteligíveis, necessitando de nós, de nossa compreensão/reflexão/abstração maior acuidade.

A Geographic look about Home as a place for residents in Jardim Emília – Minaçu/GO (2014)

Abstract: The place is an expensive geography category, it being the theoretical body of this science outlines greater representation when dealing with man as a deliberate and singular. It is from this category that the analysis of the individual is possible in what he has the most singular; the subjectivity, the essence. Grounded in this category, this research has with object of study the home as place, linked to residents of Jardim Emília in Minaçu city. We will discuss how the place having staged at home constitute; this, possessing multiple meanings, when the existence melts from everyday experiences. The objective of this research is understand how is the structuring the place starting from the home. Some questions were raised, namely: What is the role of objects in the structure of the place? There is a subjective connection of individuals in Jardim Emília with your houses? The residence time at the address create affection to the place in home? The results obtained in this research show beforehand that individual and place are inseparable, therefore, constitute a drive through the mosaic of our existence.

Keywords: Place. Home. Jardim Emília. Subjectivity.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de; SANTOS, Avacir Gomes de. Deus e o Diabo na Terra: cidades como espaços possíveis das práticas desviantes. In: **Mercato**, v.8, n.17, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BUTTNER, Anne. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, 1976, pp. 266-276.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 2001.

CORREIA, Roberto Lobato. Espaço um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREIA, Roberto Lobato (Organizadores). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, - 15ª ed - 2012.

DAMATTA, Roberto. **Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**, - Rio de Janeiro – 5ª ed – 1997.

DARDEL, Eric. **L'Homme et La Terre – Nature de La Réalité Géographique**. Paris: CTHS, 1990, 199p.

FERNANDES, Marcio Luís. Um outro horizonte em busca da humanização da Geografia. In: **Geograficidade** | v.4, n.1, Verão 2014.

HALLEY, Bruno Maia. O bairro e os enredos do lugar. In: **Geograficidade** | v.4, n.1, Verão 2014.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia Humanista. In: **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78, jul./dez.1999.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural – humanista: Uma contribuição para a geografia contemporânea. In: **Revista GEOgraphia** – Ano V – Nº 10- 2003.

KARJALAINEN, Pauli Tapani. Lugar em Urwind: uma visão geográfica humanista. In: **Geograficidade** | v.2, n.2, Inverno 2012.

LUCKERMANN, F. Geography to human as a formal intelectual discipline and the way in witch it contributes to human knowledge. **Canadian Geographer**, v.8, p.167-172.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. In: revista **ACTA Geográfica**, ANO V, Nº9, jan./jun.de 2011. pp.07-14.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, out./dez.1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: (Carlos A. R. de Moura). – 2 ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX: Um estudo da casa meia-pontense**. – Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2011.

OLIVEIRA, Livia de. Sentidos de lugar e de topofilia. In: **Geograficidade** | v.3, n.2, Inverno 2013.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werher; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.

SAUER, Carl O. The morphology of landscape. Ins: LEIGLHLY, J. (org.). **Land and Life – A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer**. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 315-350.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. (Trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, Tempo, Lugar: Um arcabouço Humanista. In: **Geograficidade** v.01, n.01. Inverno 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Trad. Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

SOBRE OS AUTORES

Armison Rodrigues Pereira - Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (2014).

Maísa França Teixeira - Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora Substituta da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Recebido para avaliação em Abril de 2015

Aprovado para publicação em Junho de 2015